

humanitas

Vol. XLVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVIII • MCMXCVI



DONALDO SCHÜLER
Universidade Federal do Rio Grande do Sul/CNPq

O CORPO NO SISTEMA DE HERÁCLITO

Por que atribuir a Heráclito a autoria de um livro? Pitágoras contentou-se com a transmissão oral. Parmênides escreveu um poema de tonalidade épica. E Heráclito? Opôs-se ao saber dos vates. Combateu a incontinência verbal da epopéia homérica. Refletiu sobre Apolo e o estilo oracular dos sacerdotes de Delfos. Nada impede que tenha se contentado em elaborar cuidadosamente aforismos como os preservados nas citações. Ao cuidar da propriedade das palavras, do ritmo e dos sons, construiu com os aforismos um sistema que contempla campos variados como linguagem, poesia, ética, cosmologia, política, teoria do conhecimento, mito, rito... Cada um desses campos, especializados só a partir de Aristóteles, encontrava-se ainda em estado nascente. Originário, Heráclito apresenta-se como pensador vigoroso, fértil ainda agora. Reunimos uma série de aforismos sobre o corpo, matéria de muitas controvérsias na literatura grega. Pretendemos isolá-los como uma das áreas da ampla reflexão do filósofo de Éfeso. Heráclito observa o corpo no empenho de conhecer-se a si mesmo. Compreende-o no discurso (**logos**) que rege o universo, o concurso dos contários.

1 — O PRAZER

A observação heraclitiana determina o corpo como um reduto ameaçado pela doença, pela fome, pela fadiga, a que se opõem a saúde, a saciedade, o repouso.

A doença faz a saúde suave e deliciosa; a fome, a saciedade; a fadiga, o repouso. (B 111)

No corpo, conflituado como o universo, cada um dos elementos de ambas as séries opositivas gera o seu contrário. O rio da vida carrega os opostos no fluir circular que nunca se detém. O corpo se organiza em

harmonia com o mundo, teatro de aflições e de bem-estar. A investigação é conduzida pelo interesse de tornar familiar o estranho. O corpo, preso ao visível, deriva o prazer do triunfo sobre as adversidades. A saúde “suave e deliciosa” acontece no jogo das oposições. Se a doença provém da negação da saúde, esta se restaura como negação da negação. O prazer, revelado na celebração da vitória, ocorre quando a saúde desaloja o seu contrário. Não se queira apanhá-lo como absoluto. Apoiado na estrutura que pervade o universo, o pensador redime o corpo do caos das sensações. Compreendidas no sistema, o prazer e as aflições já não se comportam como forças misteriosas. Doença e saúde, fome e saciedade, fadiga e repouso, mantidos por Homero na dependência de divindades prepotentes, ingressam agora no território do observável. Preparado está o caminho para o advento da medicina baseada na observação.

2 — REVERSIBILIDADES

Carência e saciedade (B 65)

O contexto que preservou estas duas palavras, subordina-o ao raio, à inteligência. Objetivo da observação é extinguir o desconforto da fome. Não se pode, entretanto, buscar a saciedade sem experimentar as dores provocadas pela carência. E as instâncias mostram-se reversíveis. Toda saciedade converte-se em carência. A tranquilidade dos apetites satisfeitos repeliria a circularidade das antíteses, vida do universo. Quem absolutiza a saciedade prende-se nas cadeias dos sistemas autoritários, ruína do pensamento e da vida.

Já tivemos oportunidade de mostrar em livro que o par carência-saciedade (ou plenitude) ocupa lugar central na arte de narrar dos gregos. A plenitude que encerra as epopéias e tragédias apresenta os heróis reconciliados com a totalidade. Se novas transgressões não os precipitassem na carência, o fluxo da história, estagnado, se corromperia.

Falamos da fome, no homem e no universo.

3 — O ESTÔMAGO

Os gregos gostavam de comer e de beber. Frequentes são os banquetes na *Ilíada*. O Aquiles que recusa a refeição matinal antes do combate constitui exceção. Ulisses, bem mais sereno, embora duramente castigado

pela guerra, não sacrifica as solicitações do estômago ao ardor bélico. A nobreza de Itaca vive em festas; festas esplendem nos palácios visitados por forasteiros na *Odisséia*. Contudo, a sociedade homérica não atribuía ao bem-estar físico o valor maior. Dignidade, lealdade, piedade, honra, habilidade reuniam o que de mais alto se podia desejar. A lírica mostra que a aristocracia da era pós-heróica recusava os ideais dos remotos combatentes de Tróia, ao distinguir os prazeres de mesa e cama. Pouco afeitos a combates, os jônios pós-homéricos olhavam com melancolia a aproximação da velhice e da morte. Banquetes se tornaram, com a evolução da vida urbana, instituição necessária ao convívio, tanto nas colônias como no centro da civilização grega.

Heráclito se opõe ao hedonismo de sua gente. A fruição alimentar parece-lhe opção bovina. Alegrias mais fortes estão reservadas ao homem que levanta seus interesses acima do paladar:

Se a felicidade estivesse nos deleites do corpo, felizes declararíamos os bois, quando encontram ervilhas para comer. (B 4)

Preferível aos prazeres do corpo é a exploração do que não se vê. O que se oculta torna insuficiente o manifesto; isso confere ao oculto significado mais que bovino.

A ascensão a níveis privilegiados do saber dá-se à distância de cabeças abastecidas, informadas, enfaradas. Convocam-se inteligências bem-formadas, propícias ao saber comum:

Os melhores escolhem uma coisa entre todas, renome eterno em lugar de coisas mortais. A maioria, entretanto, empanturra-se como o gado. (B 29)

O homem gregário, por não saber escolher, come indiscriminadamente. Devorando sofregamente tudo, não chega a exercer a liberdade de selecionar o que lhe convém. Abarrotado com o excesso, perde a oportunidade de conhecer o essencial. Guardiões do consagrado, tranquilizam-no pregressas decisões.

O seduzido pelo oculto inaugura passos insuspeitos. Desamparado de modelos, convive heroicamente com o risco. A glória dele se renova com atos originais, ousados, livres. Mortal é o saber que lembra na imobilidade a rigidez cadavérica. Eterno é o fluxo, o saber que se produz no fluir.

4 — O OLFATO

O pensador que dá atenção a olhos, ouvidos, paladar, tato e pés, reflete agora sobre o valor do olfato no reconhecimento exterior. Ao cheiro da queimada, imagina um mundo reduzido a fumo e cinzas. Em tal circunstância, as narinas ofereceriam valioso instrumento de exploração. Como cada uma das substâncias carbonizadas tem odor próprio, o olfato nos permitiria constatar as diferenças:

Se todas as coisas se convertessem em fumo, as narinas poderiam distingui-las. (B 7)

E a unidade? Esta se elabora na inteligência, a do **logos**, o discurso. Sem inteligência acima dos sentidos, não há promessa da construção do comum, do discurso com-um (com-um é tradução de **ksynon**, o que é conjuntamente um).

Ao contrário de outros pensadores, Heráclito, refletindo sobre a origem, distingue-a de elementos sensorialmente perceptíveis como água e ar. Para ele, o discurso, compreende e excede o aparente. O discurso, não sendo coisa, arma-se como sistema das coisas. O contemporâneo pensamento sistêmico que insiste na estrutura distinta dos elementos que a habitam principia aqui.

5 — O TATO

Os fragmentos de Heráclito desenham, passo a passo, uma paisagem rural feita de campos relvados, crepúsculos, filetes de fumo, manchas de cinza, noite, artesanato, animais no pasto e agora, um rio adormecido que chama ao banho nas horas de calor.

Aos que entram nos mesmos rios, outras e outras águas sobrevêm, e as psiques emanam do úmido. (B 12)

Heráclito não resiste aos apelos do mundo sedutor. Recebe-o e reflete sobre ele. O corpo fala por inteiro: olhos, nariz, ouvidos boca e pele. A pele percebe o fluxo.

Vivemos de perdas e ganhos. Drummond dirá, falando heraclitianamente: “ganhei (perdi) meu dia.” como ganhar sem perder? Nada se ganha sem que a perda abra espaço a novas aquisições. Não poderíamos beneficiar-nos de novas águas, se pretendêssemos reter as que já temos. Praticaríamos um acidente fatal. Provocaríamos o corte do fluxo, a enchente, a estagnação,

a morte. Inútil ambicionar a vida-vida. A realidade conjuga vida-morte, mesmo-outro, perda-ganho.

Rios não são apenas os que riscam caminhos de prata na verde planície. Rios somos também nós, as idéias que vêm e que vão, o fluxo das experiências, a vida que se renova todos os dias como o sol. Surpreendemo-nos rio-sol, sol-rio. O fluir é geral.

Como preservar secas as psiques, quando nós próprios somos rio? Secas as teríamos se lográssemos mantê-las fora do corpo. O filósofo busca o seco ao se recolher em si mesmo para interpretar as informações dos sentidos. Instala-se numa ilha para compreender o fluir. Mas a ilha nunca será lugar seco. Inutilmente buscamos segurança num dos pólos da oposição. Somos seco-úmido, sensação-reflexão, fixidez-movimento, mesmo-outro.

O rio de Heráclito rasga um curso de dois mil e quinhentos anos na literatura ocidental, recolhendo as águas de afluentes que nascem em todas as épocas. Os poetas não resistem à força de suas imagens. Combatendo os poetas, ele os atraíu. Mandou silenciar a voz dos poetas nos concursos sem molestar o poeta que trazia em si mesmo. Não silenciaria voz alguma o pensador que compreendeu o universo na contradição. O rio heraclitiano ainda borbulha nos versos de Fernando Pessoa:

*Na ribeira deste rio
Ou na ribeira daquele
Passam meus dias a fio.
Nada me impede, nada me impele,
me dá calor ou dá frio.*

*Vou vendo o que o rio faz
Quando o rio não faz nada.
Vejo os rastros que ele traz,
Numa sequência arrastada,
Do que ficou para trás.*

*Vou vendo e vou meditando,
Não bem no rio que passa
Mas só no que estou pensando,
Porque o bem dele é que faça
Eu não ver que vai passando.*

*Vou na ribeira do rio
Que está aqui ou ali,
E do seu curso me fio.
Porque, se o vi ou não vi
Ele passa e eu confio.*

Em meio às contradições (impede-impede, calor-frio, faz-não faz...), Pessoa observa que a confluência dos contrários, longe de provocar o caos, preserva-nos no curso. O rio, no seu discurso, mantém o curso, mesmo a desatentos.

6 — OLHOS E OUVIDOS

Para ter acesso a formas e cores é preciso distanciar-se delas, tanto nas galerias de arte como na vida cotidiana. Sem vigilância somos abalroados pela caótica abundância do perceptível. Obrigados a selecionar, perdemos contato com a totalidade. A distância, vemos, ouvimos. Na recuperação ordenada do que se distanciou, que órgãos nos servem melhor, olhos ou ouvidos?

Na vigência do mito, pontificavam os ouvidos. A palavra mítica fornecia os modelos de conduta e desvendava os segredos do universo. Cantores celebravam tempos remotos, matriz e base do presente. Como a verdade não procedia do exame, o falar das musas continha o que do mundo se podia conhecer.

Os olhos são testemunhas mais acuradas que os ouvidos. (B 101 a)

Insatisfeito com os resultados do conhecimento mítico, Heráclito requer para os olhos privilégios até aqui concedidos aos ouvidos. Os olhos, abertos ao que se passa, empenham-se em resgatar o aparente de noções nunca averiguadas. Com o exercício da observação e com o uso da escrita, o saber se torna predominantemente visual, qualidade preservada mesmo nas abstrações platônicas. As idéias são objectos visuais.

Para Heráclito, o olhar é só uma etapa da investigação. O pensamento, sobranceiro à informação dos sentidos, estabelece relações negadas ao alcance do olhar.

7 — SEDUÇÃO E DESAFIO

Aparelhamos os olhos e devassamos o observável. Criamos a ciência, a tecnologia e o romance realista. Quando o mundo objetivo insistiu em aspirar ao trono das verdades absolutas, evocamos os espíritos sombrios do mundo interior: nasceu a psicanálise o expressionismo e o surrealismo, devolvendo-nos as vertigens do caos. Assoberbados com a matéria incon-

trolável, fugimos para o rigor das formas puras. Saltemos sobre estas inquietações recentes para reencontrar as preocupações de Heráclito:

A harmonia invisível à visível supera. (B 54)

Sem negar a harmonia visível, Heráclito afirma que a harmonia invisível é mais forte, mais nobre. Entendemos a harmonia como a construção que mantém unidos os contrários em guerra. No fluido jogo das oposições, a harmonia não comparece como suplemento, mas como fundamento. A mitologia atribuía esse trabalho aos deuses. A harmonia, desalojando-os, impediu a queda no turbilhão de aparições desconexas. A harmonia visível e a invisível não se partem em territórios que se excluem. O sistema único mostra uma face e esconde a outra. O que se mostra é indício do que se esconde. Desafio e sedução.

O visível só requer autonomia na rapidez do vôo das aves. Quando o olhar se detém, delinea-se o campo do invisível, bem mais amplo do que a superfície percorrida pelo olhar. O invisível se aprofunda, se move com as correntes ocultas do rio. Em virtude da reserva ilimitada do invisível, o visível se mantém em contínuo estado de produção.

8 — COGITAÇÕES AO CAIR DA TARDE

Imagine-se o filósofo estendido num campo relvado com os pés voltados contra o ocaso numa tarde de verão, estando o sol um ou dois palmos acima da linha do horizonte. O sol permite que se lhe acompanhe o movimento, que se calcule a velocidade até que suma a última nesga de luz. Heráclito pode esconder a bola de fogo com os membros inferiores, pois ela não excede o tamanho do pé. Todo o seu corpo está compreendido nessa observação: a posição da cabeça, a direção do olhar, o tronco e as pernas - favorecido pela inclinação do solo e os vegetais que o revestem. O corpo o põe em contato com o circundante, nessa experiência e em todas. Na posição em que Heráclito está, o sol tem o tamanho de seu pé:

(Sobre o tamanho do sol) da largura de um pé humano. (B 3)

Como Heráclito não é um arbusto pensante, raízes não o fixam. Ergue o corpo, caminha, move a cabeça, e a cada passo o mundo se transfigura. Os horizontes se ampliam e se estreitam, a paisagem se recompõe. Também no caminhar sem rumo de Fabiano com sua família de retirantes, em *Vidas secas*, os juazeiros aparecem, se aproximam e somem. Heráclito se põe a

refletir sobre a função do espaço, ignorado por Homero para a caracterização do observado. No relato homérico, distinguem-se objetos próximos ou distantes com a mesma nitidez. Heráclito observa que a distância aumenta ou diminui o tamanho dos objetos. Recorre a medidas que lhe oferece o corpo. É sua maneira de estar no mundo, de conformá-lo a si mesmo. O olhar domina o disperso, detém o movimento, embora seja um dominar passageiro. Para imaginar o sol como ele é, terá que fechar os olhos e reconstruí-lo sem a presença dele. Deverá desprendê-lo do corpo. Assim procedemos quando assumimos posição reflexiva. Esquecidos de pés e mãos, admitimos que aquela bola de fogo é milhões de vezes maior do que na experiência da tarde de verão. Podemos negar o corpo tantas vezes quantas quisermos, mas não esqueceremos a imagem bucólica. O sol é e não é do tamanho do pé, assim como entramos e não entramos duas vezes no mesmo rio. Há momentos em que rejeitamos a erudição, e o sol volta a ser deliciosamente do tamanho do pé.

Se tornarmos a refletir sobre o que Heráclito disse a respeito do discurso, veremos o sistema sígnico tomar o lugar do pé. O Mundo terá o tamanho da *Ilíada*, da *Odisséia*, da *Divina Comédia*, da *Origem das Espécies* ou de qualquer outro instrumento verbal que escolhermos para medi-lo. Se resolvermos caminhar pelos textos como passeamos pelo campo relvado, se fecharmos os olhos e começarmos a pensar, veremos que o mundo é e não é como o representa a *Ilíada* ou qualquer outra interpretação, sem excluir a de Einstein. Como não é possível pular para fora do corpo, dos corpos, nenhuma visão, por comum que seja, caracteriza-se totalmente falsa. Perturbamos a marcha da verdade se obstruirmos o leito dos pequenos riachos rumo ao grande rio.

9 — SOL E SÓIS

Em lugar do sol percebido ao cair da tarde na tépida maciez em campo relvado, recebemos agora um sol examinado pela inteligência. Este sol comparece a qualquer hora, mesmo apagada a luz do dia e ignorado o corpo:

O sol é novo cada dia (B 6)

A constatação se realiza à distância do objeto para resguardá-lo da perturbação dos sentidos. A distância permite enquadrar o fenômeno particular no universo das significações. Nossa distinção entre entes animados e inanimados é estranha a Heráclito e ao helênico período arcaico.

Há quem diga que no pensamento mítico o sol não é um astro vivo como a lua, sujeita ao ciclo da vida e da morte. Para Heráclito o sol é vivo, como, aliás, todo o universo. O que importa, nas reflexões sobre o comportamento do sol, é o jogo dos contrários, a co-presença da vida e da morte. A cosmologia arcaica faz distinção entre a claridade do dia e a concentração luminosa do sol, como distingue a noite que reveste a terra de trevas ainda mais espessas, hostis a toda visibilidade. De que se alimenta o sol? Da claridade do dia, que, depois de completamente consumida, provoca a noite. Da mesma forma, as trevas, devorando a noite, chamam à existência o dia. Índícios desse modo de pensar encontram-se na *Teogonia* de Hesíodo. A tradução de Bollak: “(o sol) novo às custas do dia” é plausível. Importava ao pensador de Éfeso mostrar que os opostos dia-noite, claro-escuro, vida-morte não se excluem. Entendamos Heráclito. Como explicar essa estranha bola de fogo, quando não se cogitava da esfericidade da terra, nem se duvidava do geocentrismo? Os anéis de Anaximandro, porém, cheios de substâncias incandescentes, eram insuficientes para entender o universo como fluir. Como explicar um astro que nasce entre montanhas e, percorrido o céu em arco, se precipita no mar? Para Heráclito, o sol morre todos os dias como os lírios, como o dia, como a noite, e se regenera. Estão excluídos os sentidos? De maneira nenhuma. Vigiam preservados na reflexão.

Se um poeta nos disser que o sol é novo todos os dias, nós o aceitamos, apesar dos avanços da astro-física. A linguagem filosófica confina, por vezes, com propriedades da poesia. Convém escutá-la nessa vizinhança.

O que para homens educados no mito era o Sol passa a ser um sol. Ao desmitificar a linguagem, Heráclito converte o nome próprio em nome comum. Onde o mito consagrou nomes próprios (Justiça, Amor, Guerra, Sol), o filósofo introduz nomes comuns: justiça, amor, guerra, sol. O nome próprio fixa, o nome comum obriga o múltiplo a fluir nas águas do rio. Se um sol toma o lugar do Sol, o que impede que o astro luminoso seja outro todos os dias? Os lírios não se renovam diariamente nos campos? A regeneração conforta. Diariamente renascidos, não somos atormentados pelo fardo de passados desacertos.

10 — OUTRA LUZ

Recolhido a uma choupana campestre, longe dos delírios báquicos e da sedução das tardes iluminadas, Heráclito retorna ao sol. A bola de fogo frequenta-lhe assiduamente o pensamento em virtude do que ela representa para a observação. Sem ela estaríamos privados da festa de cores e formas, da vida e da luz.

Mesmo que o sol esteja extinto nas ondas do mar, ele continua presente às cogitações. Como é que se pode pensar no que já não existe? Isso não seria possível se além do sol não brilhasse outra luz, urna que não se põe, que, por abrigar em si o dia e a noite, nos ilumina também nas mansas vigílias da noite.

Do que jamais se põe, como alguém escaparia? (B 16)

Do sol se pode fugir. Há aves noturnas que o evitam. Na *Teogonia* de Hesfodo, dia e noite nunca estão juntos no mesmo abrigo. Os soldados de Ulisses evitam, pelo menos temporariamente, a vigilância de Hélio, momento em que se banqueteiavam com um touro de seu rebanho. No interior das cavernas sombrias o sol não nos atinge.

Mas a luz do discurso nunca se põe. Graças a ela, enxergamos, imersos na sombra. Percebemos até com maior nitidez, porque libertos da tirania das imagens visuais. Dessa luz não há como fugir.

11 — O MUNDO DE CADA UM

Desde o momento em que se abrem, os olhos constataam formas; os ouvidos recolhem vibrações, da natureza, de aparelhos, da voz; presenças se anunciam na pele; sabores ativam o paladar; odores atraem ou repelem. Num universo de percepções infinitas, movemo-nos seletivamente. Não preservamos a maioria delas mais do que alguns segundos, as eleitas nos acompanham por muitos anos. Construimos assim um ambiente familiar, no qual, uma vez organizado, sabemos viver, mesmo sem pensar. Fugazes, reorganizamos sem descanso o arquivo das nossas lembranças. O agora saliente cai no olvido, recordações esquecidas retornam transformadas, engrandecidas, embelezadas. A cadeia das relações humanas altera-se todos os dias. Eis o mundo como parece, aparece e perece. A maioria se basta com ele, o mundo prático, o mundo da ação, da destruição.

Não percebem tais coisas muitos dos que as encontram, nem mesmo quando ensinados conhecem, mas formam sua própria opinião. (B 17)

Este não é o mundo comum, é o mundo de cada um. Sem o desprezar - as reflexões de Heráclito partem dele e a ele retornam - o pensador volta-se aos vínculos que organizam o particular em sistema. Nessa direção, o filósofo anda solitário por sendas inóspitas.

Outros percebem além de nós. Percebemos coisas diferentes. Não cabe a ninguém deter o fluxo, como se a sua observação anulasse as demais.

12 — SENTIR

Sentimentos ligam-nos a casas, ruas, montes, rios, aves e homens. Organizam, pela convivência, o mundo familiar. Tornam-no comum. Pelos sentimentos, o mundo estranho se converte em nosso mundo. Sentimentos ensinam-nos a distinguir de aparições hostis o que nos convém. A abrangência sublinha a importância do sentir.

A reflexão será, em todos os tempos, privilégio de poucos. Sendo-lhe misteriosas muitas áreas, não poderá a reflexão aspirar ao domínio exclusivo. Os sentimentos amparam também os que não pensam sistematicamente. Não compreendemos os outros, misteriosos em sua estranha alteridade, sem o concurso do sentir.

Sentir é comum a todos os homens. (B 113)

Phroneo, dado aqui como sentir, abriga também as acepções de observar, ter a intenção de, ser prudente. Ser sensível a cada uma dessas nuances interessa ao pensamento de Heráclito. **Noeo** com seus derivados está ligado ao intelecto. **Phroneo** abarca contatos com o mundo exterior sem se desprender do corpo.

Não sentimos apenas nós, outros sentem além de nós. O sentir cria elos entre os que sentem. Quem sente fala do que sente. O homem já não é conduto de um saber estranho, cabedal ditado por voz distante, sábia, ele dá contas de sua própria experiência das coisas, das palavras ouvidas de outros. Conhecer com rigor (**noeo**) é privilégio de poucos, enquanto sentir não exclui ninguém.

BIBLIOGRAFIA

- BOLLAK, Jean e WISMANN, Heinz. *Héraclite ou la séparation*. Paris, Minuit, 1972.
- BURNET, John. *Early Greek Philosophy*. London, Black, 1963, 4 ed.
- DIELS, Hermann e KRANZ, Walther. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Dublin /Zuerich, Weidmann, 1966.
- HEIDEGGER, Martin e FINCK, Eugen. *Heraklit. Seminar Wintersemester 1966/1977*. Frankfurt am Main, Klostermann, 1970.
- HILDERBRANDT, Kurt. *Fruehe Griechische Denker*. Bonn, Bouvier, 1968.
- KIRK, G.S., RAVEN, J.E. *Os filósofos pré-socráticos*. Trad. de Carlos Alberto Louro Fonseca. Lisboa, Gulbenkian, 1982. (1966).
- LEÃO, Emmanuel Carneiro e WRUBLEWSKI, Sérgio. *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito, Texto e Tradução*. Petrópolis, Vozes, 1991.
- MONDOLFO, Rodolfo. *Heráclito*. Trad. ao espanhol de Oberdan Caletti. México, Siglo XXI, 1966.
- RAMNOUX, Clemence. *Héraclite ou L'homme entre les choses et les mots*. Paris, Les Belles Lettres, 1968.
- ROHDE, Erwin. *Psyche*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1961. (1898).
- SOUZA, José Cavalcante de. *Os pré-socráticos*. São Paulo, Nova Cultura, 1991, 5 ed.